



# HISTÓRIA E CIDADANIA

XIX Simpósio Nacional  
de História-ANPUH

Organizadores  
Ismênia de Lima Martins  
Rodrigo Patto Sá Motta  
Zilda Gricoli Iokoi

# HISTÓRIA E CIDADANIA

**XIX Simpósio Nacional da ANPUH**  
Belo Horizonte - MG - julho de 1997

**vol. I**

**ANPUH**  
*Humanitas*  
PUBLICAÇÕES  
FFLCH/USP

1998

# Imagens pangermanistas sobre o Brasil: 1930-1940

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães  
Universidade Federal do Paraná

**M**eu objetivo nesta mesa redonda é apresentar, através de algumas imagens elaboradas pela literatura em língua alemã sobre o Brasil, a utopia imperialista subjacente no imaginário pangermanista durante as três primeiras décadas do século XX.

Para tanto, parto do princípio de que ainda que a conquista territorial nunca tivesse sido contemplada nos planos oficiais do governo alemão, o sonho de se ter no sul da América Latina uma colônia alemã sempre esteve presente entre os defensores da ampliação do espaço vital dos alemães (*Lebensraum*), ideologia que assume sua forma mais definida com a criação da Liga Pangermânica a partir de 1891.

Além de procurar demonstrar como essas imagens são reveladas no campo da cultura, pretendo também, ainda que de forma muito ensaística, demonstrar como essas noções influenciaram o racismo e os racistas no Brasil.

Antes de analisar as imagens elaboradas pela literatura em língua alemã<sup>1</sup>, queremos tecer rápidas considerações sobre nosso entendimento acerca do imperialismo alemão.

É legítimo afirmar-se que houve uma tática imperialista da Alemanha com vistas à dominação da América Latina? Até que ponto esta leitura não é consequência dos artigos jornalísticos numa época em que se difundia o mito do perigo alemão?

Tomemos o exemplo de dois clássicos neste assunto.

Para Hannah Arendt, os imperialistas alemães restringiram suas ações aos países que lhes eram vizinhos, o que ela denomina como *imperialismo continental*, e não de ultramar. O critério de conquista territorial e de conquista de *zonas de influência econômica* era justificado pela presença da população de origem germânica em países como a Hungria, a República Tcheca, a Polônia e outros. Este princípio é conceituado pela autora como *nacionalismo tribal*.

Ulrich Wehler, por sua vez, afirma que Bismarck não tencionava disputar territórios com outras potências européias, porquanto considerava dispendiosos o investimento bélico e o financiamento de uma burocracia nas colônias, fatores essenciais para a manutenção do poder político e econômico naquelas regiões. Preteriria portanto a estratégia de conquista territorial em favor do livre jogo do mercado, no qual as vantagens comparativas das mercadorias alemãs propiciariam o fortalecimento econômico. Tratava-se de um *expansionismo pragmático*, pois evitava o confronto com outras potências européias, respeitando-se também a Doutrina Monroe, dos Estados Unidos<sup>3</sup>.

Essas duas interpretações, extremamente importantes aos nossos estudos, não levam em consideração entretanto a interferência dos poderes não oficiais em prol de uma outra tática expansionista. Refiro-me a empresários, intelectuais e religiosos, bem como a associações e agremiações políticas que propugnavam pela conquista de territórios na África ou nas Américas, como é o caso da Liga Pangermânica, entidade que reuniu e organizou diversos membros da sociedade para exercerem pressão política sobre o governo. Eram deputados, pastores, intelectuais e empresários que militaram em favor do expansionismo continental e também do expansionismo ultramarino, como Karl Peters, na África e Friedrich Fabri, na América Latina.

Quanto a este último, cuja ideologia influenciou sobremaneira os agentes da emigração para o Brasil, entre 1864 e 1880,

era um teólogo ligado à concepção missiológica da Igreja, fundador e professor de escolas especializadas na formação de pastores para o exterior, e defensor da preservação da germanidade como parte integrante de sua doutrina. Filho de Carl Fabri, diretor da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, Friedrich aprendera, provavelmente desde cedo, a importância da preservação do *Deutschtum*, como uma estratégia indireta de imperialismo, ou, por outro lado, e não excludentemente, como uma maneira eficaz de cooperar para a manutenção da religião protestante a despeito da hegemonia da Igreja Católica nos países latinos.<sup>4</sup>

É sobre autores e utopias como estas que concentro minha atenção. São visões que, dada a sua difusão na imprensa de língua alemã no Brasil, bem como nas escolas e nas igrejas, influenciaram a opinião pública tanto na Alemanha como no sul do Brasil, notadamente entre os imigrantes alemães e seus descendentes. E mesmo que não tenham interferido diretamente na política e na economia, foram extremamente relevantes para a cultura teuto-brasileira.

#### A MISSÃO DOS ALEMÃES

O imperialismo alemão, uma sorte de imperialismo de caráter privado<sup>5</sup> ou para-oficial, que congregou protestantes nacionalistas e pietistas, adeptos das doutrinas racistas, nacionalistas seculares e homens de negócios, todos eles, em última instância, preocupados com o *Lebensraum*, influenciará sobremaneira o imaginário social dos teuto-brasileiros nas três primeiras décadas do século XX. Estes, abandonados à sua própria sorte durante todo o século XIX, passam a ser alvo das atenções daqueles atores sociais, doravante designados não mais como “imigrantes” (*Auswanderer*), mas como “alemães no exterior” (*Auslanddeutschen*).

Essa nova posição se inicia, originalmente, nos meios eclesiais, e depois se generaliza no meio secular.

As análises de Friedrich Fabri são dirigidas às Igrejas e aos agentes da colonização. Ele acreditava que, com a proclamação da República (que já se avizinhava), este país tornar-se-ia uma federação, à semelhança da dos Estados Unidos, o que facilitaria a proclamação da independência da Região Sul, transformando-

se esta numa república teuto-brasileira<sup>6</sup>. Suas análises foram fundamentais para a decisão de enviar pastores ao Brasil, que tinham sua formação política, teológica e intelectual preparada em seminários onde se veiculava tal doutrina. E estes, quando no Brasil, logo se integrariam à liderança da comunidade de origem germânica.

Suas posições se assemelham a outras correntes religiosas que se amalgamaram à política imperialista em outros contextos, como por exemplo, o caso inglês e o norte-americano.

Na Inglaterra, ao longo de todo o século XIX, o imperialismo esteve intimamente ligado ao senso missionário dos puritanos. Esta corrente religiosa sofre a influência do pietismo alemão e do metodismo inglês, o que resultou no movimento de reavivamento da fé, cuja ênfase consistia na conversão pessoal e na prática devocional. Os revivalistas iniciaram também diversas ações missionárias nas colônias inglesas, onde tradições e costumes seculares foram introjetados como parte da doutrina religiosa<sup>7</sup>.

No século XX, semelhante processo ocorrerá nos Estados Unidos, principalmente após a Segunda Guerra. Para os fundamentalistas, os Estados Unidos eram uma nação eleita por Deus para recristianizar o mundo, um novo Israel, um povo que Deus estava preparando para regenerar o mundo<sup>8</sup>. Mais destacadamente do que o puritanismo inglês, os valores do homem branco, ascético e protestante como paradigma da civilização, associou-se ao imperialismo sob o ponto de vista econômico, político e principalmente cultural.

Feitos estes comentários, retornemos ao imperialismo alemão, cujo paralelo a estas duas correntes religiosas pode ser identificado no protestantismo nacionalista de caráter pietista.

O pietismo nacionalista, que também pregava a conversão pessoal a uma *religiosidade de coração*, uma vez associado às doutrinas raciais, reatualiza a Reforma de Lutero para advogar para si a condição de povo eleito, portador da única e verdadeira doutrina, raça superior por destino e por missão: Luteranismo é

germanidade (*Luthertum ist Deutschtum*), predicavam estridentemente os pastores em seus cultos:

Nossa igreja alemã (...) vê sua herança cultural como uma dádiva de Deus, a ser mantida e nutrida na Igreja e na escola (...) os serviços religiosos, a língua alemã (...) a fé evangélica e o nacionalismo alemão estão intimamente ligados; não podem ser separados sem injúria.<sup>9</sup>

Esse sentimento de superioridade religiosa não resultou, como entre os puritanos ingleses ou os fundamentalistas norte-americanos num impulso missionário junto à população brasileira.

Pode-se explicar tal posição, de um lado, como uma estratégia para evitar conflitos com a Igreja Católica, que detinha a hegemonia no Brasil. De outro lado, porém, e não de forma excludente, a noção de superioridade religiosa, associada à noção de povo eleito, incute neles uma atitude sectária, pois tal confissão religiosa era sentida como exclusiva dos alemães.

Aos olhos do pastor Braunschweig, por exemplo, estes logo dominariam o país e poderiam fazer da Igreja Luterana a Igreja oficial, pois Estavam ganhando, gradativamente, posições de liderança na economia brasileira<sup>10</sup>.

Assim, à semelhança do que se processava na Alemanha – a discriminação aos judeus, mesmo que cidadãos alemães –, no Brasil, aos alemães (arianos) estava destinada a dominação sobre todos os demais.

E será por meio de noticiosos, aulas na escola primária, artigos científicos, prédicas e panfletos que este ideário será transmitido aos “alemães no exterior”. De todos, porém, é no campo da literatura que estes desejos se tornariam mais claramente manifestos.

#### IMAGENS DO OUTRO, IMAGENS DE SI

É importante salientar que a literatura de língua alemã difundida no Brasil não foi escrita apenas pelos “emissários” do sonho imperialista. Muitos teuto-brasileiros também se deixaram seduzir

pela Alemanha unificada e mantinham um desejo velado de a ela pertencer, fosse no retorno àquele país, fosse na preservação daquela cultura, fosse em seus sonhos separatistas. Com o fortalecimento da ideologia nationalsita, tornam-se um público ávido pela leitura, para reafirmar seus valores de origem, como forma de identificação emocional com a “velha pátria”.

Isso se explica em parte pelo fato de que muitas famílias experimentaram, de 1870 a 1920, uma ascensão sócio-econômica considerável, mas não gozavam do *status* de elite, papel desempenhado, com raras exceções, pelas oligarquias de origem lusa.

Neste sentido, pertencer a outra nação não deixava de representar uma forma de compensação psicológica para esta subcultura.

E é neste contexto que eles se tornam produtores e consumidores de livros – notadamente os romances de aventura – em que o imigrante alemão é quase sempre o protagonista. São imagens que estão a representar os sonhos imperialistas, nacionalistas e, por vezes, separatistas; do colono ao colonizador; de cidadãos teuto-brasileiros a alemães residentes no exterior (*Auslanddeutschen*); de minoria religiosa a precursores da única e verdadeira fé.

Deste repertório de imagens, detenhamo-nos a três elaborações que melhor enunciam, segundo nossa compreensão, o sonho imperialista.

A primeira delas, o *aventureirismo*, ou seja, o ímpeto dos imigrantes para enfrentarem o desconhecido, para “descobrirem” o Brasil. Não por acaso, estas aventuras têm como pano de fundo, quase sempre, a floresta, o que simboliza, de um lado, a missão civilizadora do homem branco (que estava sendo executada no Brasil pelos alemães), e, de outro, o enfrentamento do desconhecido, no caso, a população nativa e a terra Brasil.

Este aventureirismo reflete o anseio dos colonizadores por enriquecer rapidamente, próprio da era dos impérios, como ilustra o seguinte trecho do livro *Der blaue Tiger* (O tigre azul), de Alfred Döblin:

Tudo meu! Tudo meu!

(...)

Sim, querida mãe, tu me deste à luz, e eu fui um patife e te abandonei, sim, querida mãe, eu te agradeço a vida. Viva, viva, vou ser rico.

Sim, querido pai, tu me geraste, deixaste-me ser um bandido, um servo, um patife, e eu te amaldiçoei e difamei. Sim, querido pai, eu te agradeço a vida. Viva, viva, vou ficar rico.

Sim, querida irmã tornaste-te uma serviçal, uma reles gorda e suja, não encontraste um homem, entregaste-te a pobretões, nunca tiveste enfeites e adereços, nem sapatos nem fitas, e eu não tinha nada para te dar. Sim, querida irmã, tu terás o que quiseres, viva. Eu sou rico.

Sim, querida noiva, sim, querida noivinha, Lucinda, Dorinda, Têresa, Camila, de faces rosadas, os braços leitosos, à janela, mas sem me pertencer. Tinha de ser um cavaleiro, um rapaz mais distinto.

Agora, eu sou distinto. Tenho dinheiro, tenho ouro, todos temos toneladas de ouro, todos hão de lambar-nos as botas, uma cidade inteira caiu em nosso poder, um país dourado caiu em nosso poder, eu sou um nobre, um conde, um marquês. Sim, querida noiva, vou te buscar, hoje e amanhã e depois de amanhã, espera um pouco por mim, dançaremos em volta de ti, minha nova noivinha, o noivo dourado está chegando. Viva, viva, dez mil vezes viva.<sup>11</sup>

Alfred Döblin não era nem de longe pangermanista, sequer estivera no Brasil. Muito mais próximo do ideário socialista, descreveu, em sua trilogia *O tigre azul*, *Viagem à terra sem morte e A nova floresta* sua utopia para com o Novo Mundo, em que a opressão e o racismo jamais estariam presentes.

Mas ao lermos este trecho do livro, não podemos deixar de deduzir que o autor se referia a um imigrante alemão que veio ao Brasil, cuja mentalidade é muito semelhante à dos colonizadores ingleses na África, tão bem descritos nos romances de aventura como os de Rudyard Kipling e Joseph Conrad, magistralmente interpretados por Hannah Arendt<sup>12</sup>. A sede de lucros de tais homens os desafiava a todo o sacrifício, homens que perderam seu *status* no país de origem e que buscam reconquistá-lo com a exploração colonial.

O mesmo espírito de aventura é demonstrado em *O destino alemão (Deutsches Schicksal)* de Edschmid<sup>13</sup>.

São seis oficiais do exército que deixam a Alemanha ilegalmente, em virtude da pauperização ocorrida com a Primeira Guerra. Após diversas tentativas frustradas para emigrarem para outros

países da América Latina, conseguem se fixar no Brasil, no estado do Rio Grande do Sul. Participaram em combates entre os revolucionários que levariam Vargas ao poder em 1930; sua atuação como combatentes foi fundamental para a vitória da Revolução, que no entanto foi pacífica e ordeira (*sic*).

O espírito do aventureiro desbravador se reedita até nos contos infantis, como *A menina na floresta* de Maria Kahle (1953). Neste, narra-se a saga da menina Helga, que aos 6 anos é capturada por indígenas, os quais tencionavam oferecê-la em sacrifício a uma divindade de sua tribo, quando ela se tornasse jovem (uma vez que esta divindade era também loura)<sup>14</sup>. Entretanto, sua beleza e graciosidade seduzem a mãe e o filho do cacique, que a auxiliam, dez anos depois, a reencontrar o caminho para sua casa. Sua vida com os indígenas e seu retorno à civilização são narradas de forma a apresentá-la como autêntica guerreira, não obstante sua feminilidade e beleza.

É também o caso de Hans e Phillip no romance *Colônia em Itajaí*, da mesma autora<sup>15</sup>. Neste, os dois imigrantes co-fundadores da colônia de Blumenau eram refugiados políticos, pois haviam lutado em 1848 em favor da *Grossdeutschland* (a grande Alemanha). Ambos representam o imigrante que, ao construir um novo *Lebensraum* para os alemães em Blumenau, estão trazendo consigo *um pedaço da Alemanha para o Brasil*, enfrentando bugres, cobras, enchentes e animais selvagens. É tanto um pedaço da Alemanha que, no ano da unificação (1870), hasteiam a nova bandeira alemã na única escola da cidade.

A segunda imagem se refere à *filantropia imperialista*, tal como o concebe Edward Said<sup>16</sup>, ou seja, como homem branco é generoso para com os colonizados.

Em *Río de la Plata*, de Karl May<sup>17</sup>, o herói do romance é obviamente um alemão, que vive entre os gaúchos do Uruguai: ensina-os a domesticar cavalos e ainda as melhores técnicas de cultivo da terra. Embora sejam mestiços em suas origens, os gaúchos podem ser considerados brancos, dada sua valentia e cora-

gem. Mas mesmo brancos, submetem-se à liderança do colonizador, porquanto é este superior intelectualmente.

Karl May, autor mundialmente famoso pelos contos de aventura infanto-juvenis, jamais saíra da Alemanha, mas era capaz de imaginar mil mundos selvagens, onde o branco era desafiado a vencer as dificuldades para prevalecer sobre os demais. Segundo Gottlob, seus personagens são uma mescla de Siegfried e Fausto, e o centro da civilização humana é Berlim. Trata-se de um pequeno-burguês a desejar um lugar mais honroso no mundo, o que consegue por meio de sua imaginação literária, que o torna desbravador nas colônias (1957).

O personagem Phillip, de Maria Kahle<sup>18</sup>, é igualmente um homem generoso. Constrói a primeira escola de Blumenau para evitar que os filhos dos colonos cresçam analfabetos. Logo, uma creche, para auxiliar as mães que precisam trabalhar no campo. Permite inclusive que um mestiço (mal visto por todos por ser filho de uma mulata) estude naquela mesma escola, o que só não acontece pela recusa do pai do garoto a que ele aprenda o idioma alemão.

Na narrativa de Niemeyer<sup>19</sup>, descreve-se a bondade de uma família alemã que adota um índiozinho como filho, muito embora tenha este voltado a sua tribo quando adulto, o que comprova o apego das raças pelas suas respectivas culturas.

Finalmente, a imagem do outro, neste caso específico, do “nativo”, o que não deixa de ser também uma construção da imagem de si. Seja o índio, o negro ou o brasileiro (três categorias distintas), são vistos como raças inferiores.

O índio é o selvagem, que ataca os teutos para defender seu território; mas não se veja aí o reconhecimento de que as terras brasileiras pertenciam originalmente aos indígenas, e sim que este comportamento é semelhante ao dos animais, que defendem seu território como espaço de caça.

Dele nos fala, por exemplo, Maria Kahle<sup>20</sup> e E. Niemeyer<sup>21</sup>, que os entendem como seres subordinados à natureza, tal como

os animais. Seus costumes, suas crenças e até seus nomes revelam tal condição; e como selvagens devem permanecer, pois que incapazes de suportar a vida civilizada.

O negro é representado com um ser dominado pelos seus impulsos. Incapaz de pensar, ele pode, no entretanto, trabalhar no mundo civilizado, desde que sob a tutela do homem branco. É o caso do personagem Cruz de Edschmid<sup>22</sup>, um negro que participou da Revolução de 30 no Brasil, e que “atirava com uma paixão que jamais se viu em outro homem no mundo todo”. Cruz era “uma máquina de guerra demoníaca, carregada de fanatismo e de consciência nacional”<sup>23</sup>.

Essa imagem do negro é bastante semelhante àquela elaborada por Oliveira Vianna em *Populações meridionais*, escrito nesta mesma década; para este autor, o negro era espontaneamente servil, dadas suas origens biológicas<sup>24</sup>. E como em Edschmid, precisava da tutela do branco para integrar-se à civilização.

Já o brasileiro é, por excelência, o miscigenado. Ainda que elogiado por ser pacífico e amável, não pode ser considerado propriamente um povo, pois é produto da miscigenação. Todos os elogios ao seu caráter pacífico e a sua hospitalidade não deixam de ser, ao fim e ao cabo, uma crítica velada à sua condição de subalternidade. Sua cordialidade mascara sua capacidade de autodeterminação, a não ser quando liderado pelo ariano.

Assim, temos três formulações no campo da imaginação literária sobre o Brasil, terra propícia ao aventureirismo, carente da filantropia e com uma população de raça inferior.

Gostaria de concluir citando um último autor, que representa de forma bem evidente o sonho imperialista alemão, digamos assim, um autor que conjuga estas três imagens em uma só narrativa: Friedrich Sommer, que elaborará a história dos alemães no Brasil e sua missão civilizadora.

Segundo o autor, os alemães trouxeram consigo um pedaço de sua pátria e a plantaram aqui. Vieram para regiões marginais da economia brasileira, mas logo ampliaram seu *Lebensraum* e

afirmaram sua liderança econômica. Espalhados em todas as regiões do país, tornaram-se os responsáveis pelo avanço técnico e científico desta sociedade, desde a época colonial até nossos dias. Sommer menciona inclusive Oliveira Vianna, o qual afirma terem alguns portugueses a origem germânica, e que são estes exclusivamente que formaram, no Brasil, a aristocracia rural. Tais homens sobreviveram, segundo o sociólogo brasileiro, por suas características guerreiras, seu espírito colonizador, coragem, resistência e *gosto pelo poder*, que sabem conquistar como nenhum outro povo.

Reafirmando as idéias de Vianna, principalmente no que se refere ao direito ou senão o dever de poder dos arianos, Sommer conclui:

Ora, o que são os *Auslanddeutschen* senão como ilhas de sangue no mar dos povos, prepostos e pontos de apoio, portadores de uma herança cultural de antiquíssimos elementos? Isto não se deixa perder em décadas ou séculos de estadia no exterior (...) Nós, alemães, somos persistentes, esta é nossa herança genuína, (...) que impulsiona a ação e a pesquisa, e nela reside uma parte da alma alemã (...) nossa força vem do ânimo, o qual tem sua fonte não na cabeça, mas no coração<sup>25</sup>.

275

Para esse autor, e independentemente da conquista territorial, os alemães já dominavam o Brasil, pois todos os arianos desta terra eram de fato germânicos em seu espírito e origem racial. Já colonizaram o país.

Nestas alturas Hitler já tinha assumido o poder, e o Partido Nazista contava com muitos simpatizantes e mesmo membros no Brasil, que viam nele uma possibilidade de terem suas utopias concretizadas. Era o momento, segundo os autores dos sonhos imperialistas, da imaginação literária transformar-se em ação política.

## NOTAS

<sup>1</sup> Utilizamos esta designação, por não serem eles necessariamente alemães. Em muitos casos, são brasileiros ou mesmo latino-americanos, filhos de imigrantes, que preservaram o uso do idioma alemão, tanto em seu cotidiano, como na atividade literária.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa, Dom Quixote, 1978, p. 295 e ss.

<sup>3</sup> EHLER, H. Ulrich. "Bismarck's imperialism 1862-1890". In *Past and Present*, Oxford, nº 48, aug. 1970, p.119-155.

- <sup>4</sup> MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. *Alemanba mãe pátria distante*; utopia pangermanista no sul do Brasil. Tese de doutorado, Campinas, UNICAMP, 1993, pp. 109-110.
- <sup>5</sup> FRANZE, Johannes. "Faustische Elemente im unter-Bewusstsein des Auslands-Deutschtums". In *Südamerika*. Buenos Aires, nº 2. (okt-dez), 1957, p.129-134, 1957.
- <sup>6</sup> RICHTER, Klaus. *A sociedade colonizadora banseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis/Blumenau, USCC/FURB, 1986.
- <sup>7</sup> HOFSTADTER, Richard. *O antitintelectualismo nos EUA*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- <sup>8</sup> Esta corrente é especialmente importante para entendermos o ingresso de um sem número de seitas fundamentalistas na América Latina, bem como o movimento Maioria Moral nos Estados Unidos, o qual contribuiu para a eleição de Ronald Reagan. (A este respeito, ver GALDINO, Florencio C.M. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis, Vozes, 1994; e KEPEL, Gilles. *A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo*. São Paulo, Siciliano, 1991).
- <sup>9</sup> MARTIN BRAUNSCHWEIG, Apud: LUEBKE, Frederick C. *Germans in Brazil; a comparative history of cultural conflict during World War I*. Louisiana, Louisiana State University Press, 1987, p. 44.
- <sup>10</sup> Esta visão até certo ponto megalôgica fica evidenciada num texto publicado por O. Quelle (1934), no qual, ao analisar o *Deutschtum* na Bahia, conclui que, apesar de serem apenas cerca de 600 famílias de origem germânica a habitarem este Estado, são eles os líderes empresariais e intelectuais e da ciência da Bahia.
- <sup>11</sup> DÖBLIN, Alfred. *Der blaue Tiger*. Baden Baden, Kepler, tradução de SOUSA, 1996, pp. 37-38.
- <sup>12</sup> ARENDT, 1978, pp. 255 e ss.
- <sup>13</sup> EDSCHIMD, Kasimir. *Deutsches Schicksal*. Wien, Leipzig, Zsolnay, 1932.
- <sup>14</sup> Sobre o mito da origem branca de alguns grupos indígenas, ver LANGER, Johnni. *Cidades imaginárias no Brasil*. Curitiba, 1997.
- <sup>15</sup> Hans e Phillip, *Colônia em Itajaí*. 1934.
- <sup>16</sup> SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- <sup>17</sup> MAY, Karl. *Reise an Rio de la Plata*. Munique, 1940.
- <sup>18</sup> KAHLE, 1934.
- <sup>19</sup> NIEMEYER, 1918.
- <sup>20</sup> KAHLE, Maria. *Siedler in Itajaby*. Reutlingen 1953.
- <sup>21</sup> NIEMEYER, Ernst. *Das Heim in neuen Land; Novellen aus Brasilien*. Stuttgart, 1918.
- <sup>22</sup> EDSCHIMD, Kasimir. *Deutsches Schicksal*. Wien, Leipzig, Zsolnay, 1932.
- <sup>23</sup> Apud SOUSA, H.M. Ribeiro. *Retratos do Brasil*. São Paulo, Arte e Cultura 1996, p. 191.
- <sup>24</sup> VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2 vols, 1934.
- <sup>25</sup> VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, p. 42.